

Discurso proferido pelo Prof. Dr. Rosário Farani Mansur Guérrios
após receber o título de PROFESSOR EMÉRITO da Universidade Federal
do Paraná, a 19/12/79.

Eu, eu não sei, eu não sei por onde começar, eu não sei por
onde deva começar, eu não sei por onde começar...

Como vêem, tais palavras de intróito, digo sincero e leal, exprimem perplexidade e esta deflui e decorre de minha índole e natureza
ante o que de certo modo me impele, obriga e constrange.

E eu pergunto, pergunto a mim próprio: Por quê? Por que o tí-
tulo de emérito?

Nascido e criado em honroso e modesto ambiente de comércio,
junto de meu saudoso pai, a quem com minha saudosa mãe, devo
muito e muitíssimo esconso no escrínio de meu coração, a vocação que
Deus me concedeu, fez que eu tomasse rumo diferente na vida. Ao
iniciá-la no magistério, ilustrando-me simultaneamente com o curso
de Direito, assumi livre e espontâneo o compromisso oficial com to-
das as tarefas inerentes à carreira magisterial.

Fui palmilhando o novo caminho, tomando o terreno palmo a
palmo, desempenhando bem ou mal, na medida de minhas possibi-
lidades intelectuais e físicas, e com todas as vicissitudes, percalços e
contingências que a vida tem e nos dá e nos impõe, não raramente
com ilusões e amargas decepções, bem ou mal, repito, sempre por-
ém com boa intenção, convencido desde o princípio que estava se-
guido a vocação concedida por Deus. E passaram-se 43 anos, espaço
de uma vida, e agora a suprema corte da Universidade Federal do
Paraná brinda-me por aquilo, por tudo aquilo que eu tinha o dever
de cumprir, dever de cidadão, dever de professor e, por que não
dizê-lo, dever de cristão.

Aceito, sim, antiteticamente, humilde e orgulhoso, mas permitam-me reflexionar breve sobre a significação ou sobre o simbolismo

da singular dádiva. Para tanto, requer penetremos nos meandros da língua, e, por causa disto, peço vénia a todos; não vou ministrar aula.

Se pensarem que tenho a mania de dissecação filológica, consequência de minha vida intelectual e professoral, não me oponho a esse pensamento. Mas, mas não exagerem; não ando nem tenho andado pelas ruas analisando ou corrigindo letreiros e tabuletas, anúncios e propagandas, ou escritos outros de quem quer que seja ou de qualquer natureza. Quem de mim tem essa visão, tem-na errada. Sou liberal e liberal equilibrado; pelo menos assim me considero. Vamos, pois, a dissecações.

Qualquer vocábulo, qualquer palavra compõe-se de corpo e alma, que são duas faces unidas intimamente: uma face, chamada significante, manifesta-se material ou fisicamente nos sons; é o corpo, e a outra, denominada significado, é imatéria ou espírito ou alma. Nada obstante, não é tudo, pois a união de ambos, a palavra, aplicando-se de modo natural à realidade extralingüística, qualificada referente, a qual é também material ou espiritual, exterioriza-se íntegra ou quase íntegra no que se denomina conceito. O conceito é mais do que o significado, se bem que ambos possam basta vezas equivaler-se.

Se é dispensável, em vista da experiência diuturna, a procura do significado e mesmo do conceito de, p. ex., **árvore**, **livro**, **água**, **forte**, no dicionário, no auxiliar depósito lingüístico, museu lingüístico, requer, contudo, buscar nele o significado ou o conceito de muitas palavras, principalmente aquelas de natureza abstrata.

Mas deixemos de lado, por ora, o conceito, e vejamos o que, à primeira vista, pode ou sugere de fato o termo **emérito**. Há um prefixo **e**, modalidade de **ex**, "fora de", e há o elemento **mérito**, sinônimo de **merecimento**, logo, é consequente que o todo quer dizer "fora de mérito, fora de merecimento". O título ou o tiro saiu pela culatra!

Eis ao que levou a dissecação lingüística dentro do vernáculo. E eu, de minha parte, ficaria satisfeito e muito se isso fosse isso. Infelizmente não é.

Todavia, o **emérito** vernáculo é continuador do **emeritus** latino, e busco, então, a fonte desse adjetivo para descobrir-lhe já não o significado, mas o conceito. O que se apreende é que **emeritus** é participípio passivo do verbo **emerere**, e este quer dizer "merecer",

ganhar, obter, etc.”.

Por se ganhar soldo ou salário, veio a significar, na linguagem militar dos romanos, veio a significar “servir o exército”. Ajuda a compreender melhor o fato, se nos lembarmos que o **soldado** primitivamente era o assalariado, o pago com o dinheiro chamado soldo.

E vamos agora mais adiante. O particípio **emeritus** não é propriamente “o que está fora do soldo, do salário”, mas é o “soldado que acabou de servir a pátria, o que deu baixa...”

Eis o conceito, conceito histórico, a que levou a dissecação lingüística do latim.

E do âmbito militar romano adveio o adjetivo português **emérito**, e, curiosidade, não há em nosso idioma, substantivo que lhe seja cognato: não existe **emerência**, não existe **emerecimento**, ou o que quer que seja... Vago está o lugar...

Se poetas, se literatos compararam a vida humana à milícia, pelos choques e entrechoques, lutas com vitórias e derrotas, constantes e ininterruptas, eu aceito de boa vontade a honrosa distinção, e humildíssimo digo com o apóstolo São Paulo: “Combatí o bom combate, terminei a minha carreira, guardei a fé...” (2 Tim 4).

Muito obrigado, muitíssimo agradecido ao Magnífico Reitor e às demais autoridades e aos colegas, ao meu ex-aluno Dr. Eurico Back, que me saudou com palavras cordiais, sim, mas merecidas. Especial gratidão devo a Deus por me conceder longa vida e a oportunidade de honor, embora imerecido e pela sua generosidade, liberalidade e caridade seja prenúncio daquilo a que o coração humano mais aspira ou deve aspirar: o próprio Deus!

Tenho dito!